



A ASSOCIAÇÃO
DE ESTUDOS
EUCLIDIANOS

Ano III - Nº 6
Jan.-Fev./1995

* **Oh, fudega!:**
Vencedores
da Maratona,
Encontros,
Inquéritos e
Protestos

* **Idéias:**
Mercosul,
Vargas Llosa,
Canudos, Rio de
Janeiro e muita
"bobagem"

O
B
e
r
r
a
n
t
e



GALOTTI

The

*number **one***

*(Edição fechada no
banco dos réus)*

Cartas

PERDAS E DANOS - Saudações euclidianas, moçada do Berrante!

Gostei muito do último número do jornal. Acho o movimento de vocês muito legal, embora discorde de algumas das opiniões mais radicais. A publicação dos "Cânticos Euclidianos", por exemplo, foi uma má idéia, que acabou por abalar desnecessariamente as já tumultuadas relações com a Casa Euclidianas. Reconheço também, por outro lado, que a reação da Casa ao folheto foi bastante autoritária, configurando-se num verdadeiro atentado à liberdade de expressão.

Fausto Salvadori Filho (São José do Rio Pardo, SP).

DUAS DA CILENE - Ao receber *O Berrante* senti uma grande necessidade de desabafo por parte de seus redatores, pois o grande estardalhaço não foi proposital,

sendo "Félix" o maior culpado.

Acredito que pior que os Cânticos são os maus tratos que sofrem os maratonistas; uma verdadeira prova de sobrevivência, tudo para engrandecer o nome dos organizadores e tornar a cidade mais popular (talvez estratégia política?). Mas nunca, apesar de muitas provas, um maratonista tentou mover ações contra isso. A Carla de Rio Claro é quem tem razão: precisamos fazer algo em favor da verdadeira SE.

Aos amigos que se fizeram presentes neste ano, desejo que o Ano Novo seja de grandes realizações, repleto de alegrias e felicidades, completo de amor e sinceridade. Mesmo depois da data, Feliz Natal!

Cilene Xavier Silva (Jundiá, SP).
FELICIDADES - A todos d'A

Associação e aos maratonistas: sem violência poderemos sentir toda a poesia do Natal. A poesia que não se cale, que não se revolte; mas a poesia que nos traga o brilho do reencontro em algum canto de encanto e uma ética de projetos sãos. Feliz Natal e um Próspero Ano Novo!

Irani Pereira de Souza (São João da Boa Vista, SP).

CRAZY FOR YOU - Amiguinhos: que vocês continuem maravilhosos e irreverentes. Espero que continuem precursores da verdade e da união dos jovens que os admiram e prezam. Desejo, através deste humilde cartão, que a paz e o amor estejam em seus lares no Natal, e em todos os dias do ano vindouro. Feliz Natal. Feliz 95. Feliz SE/95. Da "graciosa" Emilene Crazy.

Emilene Oliveira de Souza (Itu, SP).

Datas

ANIVERSÁRIOS: Janeiro - dia 11: Elvis (São Paulo); dia 12: Valéria Ferrari (São Paulo) e Rachel Lanza (Franca); dia 13: Paulo Dantas (São Paulo); dia 17: William (Osvaldo Cruz); dia 19: Osvaldo Galotti (São Paulo); dia 20: Flávia Cristina (São João da Boa Vista) e Euclides da Cunha (Cantagalo); dia 23: "tia" Regiane (Jundiá); dia 30: Lilian (Itu); dia 31: Daniella Martelletti (São Paulo), Luís Fernando (São José do Rio Pardo) e Alessandra (Lorena).
Fevereiro - dia 9: Guareide (Jundiá); dia 18: Adriana Cintra (Franca); dia 21: Wandréia (Penápolis); dia 23: Stênio Steter

(Guarulhos) e Adriana Rios (Guaxupé); dia 26: Viviane (Cantagalo); dia 28: Débora Camus (Jundiá).
Março - dia 2: Vivian (Mogi Mirim); dia 3: Fábio Peres (Itu); dia 4: Débora Fresno (São Paulo); dia 6: Eliane (Birigüi); dia 9: Luciano César (Caconde); dia 11: Newber (São Paulo); dia 12: Marina Casalderrey (São Paulo) e Elisângela (Botucatu); dia 13: Melisa (Mogi Guaçu); dia 16: Ricardo (Cristais Paulista); dia 22: Paulo César (Cantagalo); dia 24: Carla Cristina (Rio Claro); dia 31: Adriana de Ávila (Mogi Guaçu) e Samia (São João Del Rei).
Abril - dia 6: Cláudia Lopes (São Paulo) e

Leila Lotti (São José do Rio Pardo); dia 10: Newtão (São Paulo); dia 15: Venê (Campinas) e Marcello (Lorena); dia 19: Daniela Bianchini (Jundiá); dia 24: tia Rachel (Campinas); dia 28: Wanderléa (Franca).

"HERRAMOS"

Na seção *Frases* d'*O Berrante* nº 5 (pág. 10), a frase "Somos todos jagunços...", atribuída a Stênio Steter, foi anteriormente pronunciada pelo prof. Nicola S. Costa, durante a sua palestra na SE-94 (*Canudos - Ordem e Progresso no Sertão*).

EDITORIAL

'Se liga, meu!'

Este número do nosso O Berrante foi feito sob o signo da dúvida e do questionamento: será que vale a pena prosseguir? A discussão precede o deslinde...

Muito sempre se falou sobre preservar, lutar, prosseguir. A História sempre foi escrita com suor, sangue e lágrimas - muitos exemplos de homens bons e duros (ao menos nos filmes de cowboy). Mas será que essa imagem hollywoodiana (perdoem-me os puristas) se coaduna com a realidade?

Chegamos ao ponto da bifurcação: enfrentar ou cooptar?

Parece-nos inútil esmurrar blocos de concreto, mas igualmente inútil seria simplesmente fugir ao questionamento e retornar de mãos e idéias vazias. Fazer soar as trombetas e derrubar as muralhas dos castelos dos senhores feudais desse euclidianismo arcaico parece tornar-se um sonho infrutífero, frente aos expedientes nem sempre muito éticos de que lançam mão.

O euclidianismo, como hoje conhecido (?), tem os seus dias contados - vide os bondes, o leite em garrafa de vidro, guardar dinheiro dentro do colchão, os cueiros... O tempo, inexoravelmente, transforma em pó tudo o que não se adapta, tudo o que não aprende, tudo o que não produz, tudo o que não evolui: senhores, a lei de Darwin os matará, ou talvez mesmo o tédio de perceber-se sem herdeiros, quando já será tarde demais para gerar filhos ou frutos - "o tempo passa, o tempo voa..."

Mas a questão é, antes de tudo, médica. Oftalmológica para ser mais preciso. É a miopia que impede que os senhores-feudais-de-casaca-e-sem-idéias enxerguem com clareza o terreno movediço em que pisam e lancem no precipício qualquer possibilidade de sobrevivência. É necessário que o euclidianismo se descubra como parte de um universo maior, de horizontes maiores. É fundamental que os homens do euclidianismo se enxerguem como criatura e não como criadores.

"Arre, estou farto de semideuses. Onde é que há gente no mundo?"

Prosseguiremos, então, para não perdermos o bonde (ou o carro, ou o foguete, ou sabe lá Deus o quê...) da História.

E você, Euclides, o que pensa? "Ou progredimos ou desaparecemos, pô!"

André Luiz de Lima Daibes
Presidente d'A AEE

Proudhon, o ombudsman

Gostaria de não ter mais que tocar neste assunto mas, diante dos fatos, não deu para resistir. Os leitores que me desculpem. Tais fatos são tão ridículos que, dedicar-lhes algumas linhas, soa irritante. A reflexão sobre eles, contudo, pode ser proveitosa, pois nos torna mais conscientes e mais críticos.

A "novelona" dos *Cânticos* entra em seu sétimo mês, mas as últimas cenas não indicam que ela possa ser abortada. A Casa Euclidianas, o Grêmio Euclides da Cunha, seja lá quem for, insiste em dar pano para mangas neste caso. A estratégia parece ser a do quanto mais audiência, melhor. Luz, câmeras, ação. Yes, nós temos o nosso O.J.!

Quando a jornalista Bárbara Gancia publicou na *Folha de S. Paulo* o seu artigo "Romanos e euclidianos também curtem O.J." (V. pág. 10), pensei: "Que forçada!" Seria, no mínimo, um tanto estranho colocar imperadores romanos, Euclides da Cunha e O.J. Simpson no mesmo balaio. Mas como ações provocam reações, os defensores de plantão do culto euclidianos tiveram a pachorra de manifestar a sua ira contra o artigo, acostumados que estão em perder tempo dando trela a bobagens.

Ah, Bárbara! Mas sou obrigado, no fim das contas, a te dar razão. Tu mesma já escrevestes, com muita propriedade: "Quem, com um mínimo de dignidade, pode se interessar por esse tipo de dramalhão folhetinesco?"

PROJETO HERMA

Franca revive SE

Em 26 e 27 de novembro último, maratonistas se reuniram em Franca. Poucos, é verdade. Mas em casos como esse a qualidade se sobrepõe à quantidade. O Encontro fez parte do Projeto Herma (H-encontro Regional de Maratonistas) e, como diz o próprio nome, teve o objetivo de congregar os colegas da cidade para um bate-papo, troca de idéias e lembranças das fudegas da SE. Desta vez apenas os maratonistas francanos que participaram da SE/94 atenderam o chamado d'A Associação.

Nem a chuva que caiu na cidade

abalou os ânimos. Como não podia deixar de ser, os maratonistas se reuniram num bar, "cuidadosamente" escolhido pelo Danilo para essa ocasião, a 200 metros da sua casa. A essa altura, os presentes estavam muito ansiosos para ver as fotos da Semana Euclidiana. Como curiosidade, havia também fotos de SE's passadas. Marcelo, editor d'*O Berrante* e violonista de 5ª categoria, não conseguiu afinar o violão, gentilmente cedido por nossa amiga Wanderléa. O jeito foi ligar o aparelho de som. Oh, fudega!...

Maratona terá Ciclo Avançado

Aberto a ex-maratonistas dos últimos anos que tenham obtido nota superior a cinco, a Casa Euclidiana criou, para 95, o Ciclo de Estudos Avançados. Segundo o diretor da Casa, Álvaro Ribeiro Neto, o objetivo é trazer professores universitários que possam falar sobre aspectos vinculados à obra euclidiana e outros temas paralelos. A avaliação será um pouco diversa à dos demais ciclos da Maratona. Os participantes receberão um tema para ser desenvolvido em forma de monografia, a ser entregue até 20 de janeiro de 1996. Serão aceitas as 30 primeiras inscrições (restavam sete vagas até 27/1). Colegas como William (Oswaldo

Cruz), Fábria Mara e Luciana Félix (Tambaú), Alex Vieitas (Cantagalo), Gustavo (Campinas) e outros já fizeram a sua.

Quanto aos demais ciclos de estudos, segundo a apresentação feita por Álvaro Neto, serão mantidos esquemas semelhantes aos da SE/94. Adelino Brandão será o coordenador da Área II (2º grau).

A maior preocupação da organização da SE/95 está relacionada ao alojamento e à alimentação. Para este ano está sendo procurado um local que tenha melhor infra-estrutura para receber os maratonistas. Álvaro Neto ainda está negociando a obtenção desse local.

Casa Euclidiana é municipalizada

A Casa Euclidiana deixou de ser vinculada ao governo estadual. Em 28 de novembro ela foi municipalizada e está, agora, subordinada ao Decet (Departamento de Cultura, Esportes e Turismo), da prefeitura municipal de Rio Pardo. Lúcia Vito, ex-secretária de Cultura, assumiu a presidência do Decet. Lúcia sugeriu possibilidades de mudanças, mas ainda não definiu os seus planos para a Casa Euclidiana.

Obra de Euclides sairá em CD-ROM

Álvaro Ribeiro Neto, diretor da Casa Euclidiana, está animado com a possibilidade de se editar as obras completas de Euclides em CD-ROM. Para isso procura um patrocínio de US\$ 20 mil. O CD-ROM pode armazenar texto, som e imagem. A idéia é oferecer, além dos escritos de Euclides, comentários e depoimentos em vídeo de euclidianos ilustres. Já há, como inspiração, um texto do euclidiano Rodolpho Del Guerra, em forma de revista eletrônica, contando a passagem de Euclides da Cunha por São José.

ESPECIAL

Galotti

Presidente de Honra

Em 19 de janeiro de 1995, no dia de seu 84º aniversário, Oswaldo Galotti, criador da Semana Euclidiana nos moldes como hoje a conhecemos, tornou-se presidente de honra d'A Associação de Estudos Euclidianos. Foi um ato simples, sem pompas, cerimônias ou discursos, como bem quis o dr. Galotti. Para marcar o feito, A AEE presenteou o seu grande mestre com um diploma comemorativo. A entrega foi realizada em 4 de março, quando ele recebeu nossa reportagem para uma entrevista exclusiva.

Oswaldo Galotti criou a Semana Euclidiana em 1938. Até então, desde 1912, as comemorações euclidianas se limitavam a 15 de agosto, dia do discurso do

conferencista oficial. Natural de Espírito Santo do Pinhal, Galotti morou em Casa Branca e, em 1935, se mudou para São José do Rio Pardo. Ali, junto com mais dois ou três entusiastas de Euclides da Cunha, teve a idéia que sendimentou, de vez, a perenidade do euclidianismo.

Para A Associação, Oswaldo Galotti não é apenas o criador da Semana Euclidiana. É muito mais do que isso. É um símbolo e um exemplo para todos os maratonistas. Galotti não se limitou a dar vida a um evento tão importante, mas participou ativamente de toda a sua história, aperfeiçoando-o sempre. Ele nunca foi um simples professor. É um mestre. Como poucos, ele soube valo-

rizar ao máximo aqueles que são a alma e, segundo ele próprio, a razão de ser da Semana Euclidiana: os maratonistas. "Não há maratona sem maratonistas", costuma dizer com ênfase. "Eles são a garantia da continuidade do movimento euclidiano", completa. Intelectual orgulhoso de seu saber e, ao mesmo tempo, humilde perante a grandiosidade da obra de Euclides, Oswaldo Galotti tem, do alto de sua insuperável experiência, a visão vanguardista de poucos.

Agora, A AEE rende esta justa homenagem ao seu sócio mais ilustre. Infelizmente, é muito pouco. Mas, tenham certeza, é feita com muito respeito, admiração e carinho. Ave, Galotti!

ESPECIAL

The number 1

"Como é mesmo aquela música de vocês?" O dr. Galotti aparece na porta do bar e começa a bater palmas, pedindo aos maratonistas que cantem "aquela música": o fli, que imediatamente é puxado por todos. No fim, em homenagem ao mestre, é acrescentado mais um verso: "Ga-ga-ga-ga-galotti!", antes de se encerrar com um sonoro e indefectível "oh, fudega!"

Foi sempre assim na Semana Euclidiana. Oswaldo Galotti, apesar da idade, manteve a juventude na sua alma. É um eterno entusiasmado da alegria e da força dos maratonistas. Galotti criou a Semana Euclidiana em 1938, e a Maratona foi criada em 1940 pelo professor Hersílio Ângelo. Se ele, Galotti, nunca foi maratonista no sentido estrito, acabou se tornando um no modo de agir. Ser maratonista, afinal, é um estado de espírito. E, não por menos, o médico e euclidiano Oswaldo Galotti é um dos sócios mais antigos d'A AEE.

Nossa reportagem foi recebida por ele num domingo de muito calor, no seu apartamento, na Vila Mariana, em São Paulo. Foi logo mostrando um álbum com velhas fotografias. "Que coincidência! Estava mexendo nas minhas coisas e encontrei esse álbum." As fotos são verdadeiras preciosidades e, para um maratonista como eu que é, digamos, recente, ver como era a Semana Euclidiana há 25 anos é objeto de muita curiosidade.

Aí vem um sentimento estranho: me identifico rapidamente com aquela moçadinha dos "anos rebeldes" (são fotos de 1969). Percebe-se que o entusiasmo e a união dos maratonistas é bastante seme-

lhante aos dias atuais. E isso não muda à medida em que se folheia o álbum e se avança no tempo. Assim atravessamos a década de 70 e chegamos até 1980, quando já é possível encontrar o retrato de colegas pertencentes ao grupos dos, vamos dizer, "remanescentes".

Nas prateleiras de livros, espalhadas pelo apartamento, estão autênticas preciosidades do euclidiano. Ali, lado a lado, se vêem todas as edições d'*Os Sertões*, da primeira à trigésima-quinta. Os exemplares da primeira edição saíram todos da gráfica com inúmeros erros tipográficos, que foram pessoalmente corrigidos pelo autor à mão. De fato, o próprio Galotti assinou algumas

dessas correções. Na primeira página, outra surpresa: o exemplar está autografado por Euclides: "Ao cunhado e amigo Otaviano Vieira. Lorena, 2 de dezembro de 1902". Oswaldo Galotti conta que era muito amigo de Otaviano, que era casado com Adélia, irmã de Euclides e, um dia, acabou ganhando o exemplar histórico de presente. Mas não foi só isso. Galotti ainda possui aquele que talvez seja o mais precioso exemplar d'*Os Sertões*: um da 3ª edição, de 1905, onde Euclides, a caneta, fez uma ampla revisão geral do livro, alterando-lhe dezenas de palavras (e também acrescentando-lhe, para variar, muitas vírgu-

las). Foi a última revisão que Euclides fez no texto. "Imagine, um livro que o próprio Euclides pegou!", encanta-se o dr. Galotti. Ele tem razão. Ali, nas minhas mãos, aquele livro era um pedaço da História em sua dimensão mais pura.

O Berrante - Como foi que o senhor tomou contato com a obra de Euclides da Cunha?

Oswaldo Galotti - Quando aluno do período colegial, no Colégio Municipal de Muzambinho, em Minas, aos 14 anos de idade. Não tive qualquer interesse especial pelo assunto. Eu morava em Casa Branca e estudava em Muzambinho. Naquela época a gente tinha que pegar o

dessa correção. Na primeira página, outra surpresa: o exemplar está autografado por Euclides: "Ao cunhado e amigo Otaviano Vieira. Lorena, 2 de dezembro de 1902". Oswaldo Galotti conta que era muito amigo de Otaviano, que era casado com Adélia, irmã de Euclides e, um dia, acabou ganhando o exemplar histórico de presente. Mas não foi só isso. Galotti ainda possui aquele que talvez seja o mais precioso exemplar d'*Os Sertões*: um da 3ª edição, de 1905, onde Euclides, a caneta, fez uma ampla revisão geral do livro, alterando-lhe dezenas de palavras (e também acrescentando-lhe, para variar, muitas vírgu-

OB - E como o senhor se interessou de vez?

OG - Naquela época era tudo muito vago, não tinha nada de euclidiano ainda. Eu tinha interesse por um escritor brasileiro que havia escrito um livro, não passava disso. Agora, a história é que eu fui morar e trabalhar em São José do Rio Pardo. Encontrei lá também pessoas interessadas no assunto, e que me convidaram

para ajudar no euclidiano, que nem existia ainda. Havia só comemorações que eram feitas simplesmente.

OB - Como surgiu a idéia de realizar a Semana Euclidiana?

OG - Com o progresso anual das comemorações de 15 de agosto, em homenagem a Euclides, em São José do Rio Pardo, e o interesse despertado pelo valor do livro e pelo suceder dos fatos referentes à biografia do autor, essa expansão se deu automaticamente.

OB - Há exagero, por parte de alguns, no chamado "culto euclidiano"? Esse exagero não pode se converter em fanatismo?

OG - O sujeito que estuda Euclides, que penetra no assunto, fica muito entusiasmado; parece que cria naturalmente um entusiasmo, ele tem orgulho daquilo. Mas não é num tom fanático, é num tom intelectual.

OB - Não haveria ciúme pelo euclidiano?

OG - Ciúme eu acho que é uma palavra um pouco forte. Há um entusiasmo um pouco exagerado pelo euclidiano, uma dedicação um pouco mais forte. Acho que isso nós sempre tivemos.

OB - Esse entusiasmo exagerado ajuda ou atrapalha?

OG - Ajuda, esse entusiasmo é o que mantém o euclidiano. Mas não é um entusiasmo religioso, por exemplo. É um entusiasmo baseado n'*Os Sertões*.

OB - É possível popularizar *Os Sertões*?

OG - É absolutamente impossível. Basta dizer que ele [Euclides] usou a palavra no plural ["sertões"]. Ele participou de uma ação no sertão. Assistiu e sentiu um fenômeno de cultura brasileira no ser-

"A identificação entre os maratonistas é qualquer coisa de afetivo, de puro no euclidiano. Criou-se uma fraternidade"

Notícias das Cavernas

Olha aí os novos sócios d'A AEE, vindos de Sanzé do Rio Pardo: **Fausto Salvadori Filho** e **Álvaro Ribeiro de Oliveira Neto**, o diretor da Casa Euclidiana.

A famosa janela do Hotel Brasil, em Sanzé, de onde Adelino Brandão costuma fazer seus discursos na comemoração do Episódio Republicano, em 11 de agosto, agora está imortalizada. Ganhou uma placa comemorativa em 7 de setembro último: "Janela Símbolo da República. Homenagem a Ananias Brabosa e Francisco Glicério, pelo episódio de 11 de agosto de 1889."

Ainda em Rio Pardo, nosso sócio e amigo Agenor Ribeiro Neto inaugurou a nova versão de seu bar, o Gut's. Junto à Praça da Matriz, a nova casa possui muito espaço distribuído por cinco ambientes, área reservada para exposições, música ao vivo, além, é claro, do famoso drinque Kapetha.

O Ranchão está sofrendo uma concorrência dos diabos...

Ostentando a epígrafe "Acreditando na riqueza de nosso solo e na força da nossa pátria", a Associação de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de Casa Branca publicou, em janeiro, o

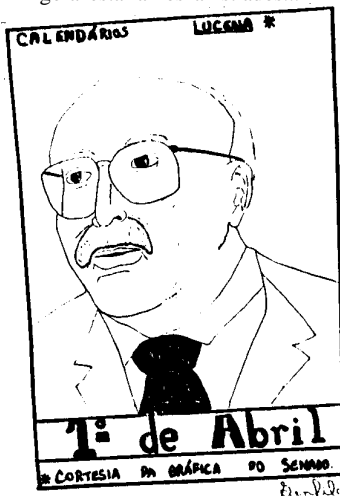
primeiro número de seu jornal, originalmente intitulado... *Berrante!*

Os vestibulares passaram. Alguns colegas foram felizes: *las dos amigas*, Luciana e Cristiane, de São Paulo, vão para a ESPM. A primeira para fazer publicidade, a segunda, administração. E o William, de Osvaldo Cruz, pegou uma vaga no jornalismo da Unesp (Bauru). Enquanto uns entram, outros saem. O vice-presidente Humberto *da Silva Sauro* agora é bacharel de Direito.

No *País dos Manquitolas*, nosso presidente André está cada vez mais *capenga*. Estropiou o pé de novo. Que zica! Nem *Freud* explica.

Raquel, a nossa secretária adjunta, foi para Londres (waal!) estudar durante um ano. As más línguas dizem que ela fugiu do processo, isso sim...

Outra das más línguas: pena não termos impresso os *Cânticos Euclidianos* na gráfica do Senado. Agora estaríamos amistiados...



O Berrante

Central de Informações d'A AEE - O Berrante - Redação: Rua Antonio Abdo, 99, V. das Mercês, CEP 04164-060, São Paulo, SP, tel.: (011) 946-5573.

Editor responsável: Marcelo Lopes. Editor adjunto: Danilo Peroni. Secretária de Redação: Luciana Martinez.

Correspondentes - William Gonçalves (Oeste Paulista/Osvaldo Cruz), Léa Ballarini e Danilo Peroni (Nordeste Paulista/Franca), Paulo Herculano e Fausto Salvadori (Rio Pardo), Raquel Celentano (União Européia/Londres).

Diretoria d'A AEE - Presidente de Honra: Osvaldo Galotti, Presidente: André (São Paulo), 1º-2º-3º vice-presidente: Humberto (São Paulo/Franca), Secretário Geral: Mário (Botucatu), Secretária Adjunta: Raquel (São Paulo/São José do Rio Pardo), 1º tesoureiro: Newton (São Paulo), 2º tesoureiro: Newber (São Paulo/Botucatu), Diretores: Marcelo (São Paulo), Danilo (Franca), Rildo (São Paulo), Elvis (Brasília).

Números atrasados e correspondência em geral: contatar a Central de Informações. Cartas e artigos enviados para publicação poderão ser editados em função do espaço disponível. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Tiragem: 170 exemplares.

Caderno
de

IDÉIAS

&

IDEAIS

O Berrante

Ano III - Nº 6
Jan.-Fev./1995

Merco SUL



Você já imaginou uma edição de O Berrante editada em espanhol? ¡El que berra, un periódico en servicio de las fudegas (¿ojudegas?) de los hermanos argentinos, uruguayos y paraguayos! É o euclidianismo se expandindo nas fronteiras do Mercosul.

(Continua)

Calma, meus leitores. Tudo não passa de um delírio deste redator. *Os Sertões* já foi traduzido para o espanhol mas, obviamente, ainda não temos maratonistas vindos de Buenos Aires, Montevideu e Assunção. Nem mesmo existe uma política cultural entre os países do Cone Sul. Com raras exceções, muito pouco da produção cultural brasileira atinge nossos vizinhos. Também pouco ficamos sabendo do que acontece por lá. As atenções de nossos meios de comunicação com o continente são mínimas. Na maior parte das vezes, somente episódios pitorescos ou espetaculares são divulgados. Escândalos, corrupção, tragédias, narcotráfico; parece que são as únicas coisas que acontecem nas casas bem ao lado. Pobre não gosta de pobreza, já dizia Joãozinho Trinta. Então viva o Primeiro Mundo! O Brasil quer sempre ficar por dentro da última tecnologia japonesa, da última moda de Paris e da última fofoca de Nova Iorque. Mas desconhece a própria realidade e a daqueles que o cercam.

Mas vamos direto ao assunto. Você sabe o que é Mercosul? Sabe por que ele existe? Como funciona? Se é bom? Ruim? É de comer? Seria uma marca de jeans? Os leitores de *O Berrante* são privilegiados, mas a verdade é que poucos sabem responder direito a todas essas perguntas. Você está no meio desse povo? Tranquilize-se. Vamos tentar resolver o seu problema.

O Mercosul (Mercado Comum do Cone Sul) é um mercado econômico único formado por

DADOS DO MERCOSUL					
<i>Fonte: Gazeta Mercantil</i>	ARG	BRA	PAR	URU	TOT
PIB (US\$ milhões)	255,5	456	6,9	13,4	731,8
População (milhões de hab.)	33,4	152,1	4,6	3,2	193,3
Renda per capita (em US\$)	7.650	2.998	1.500	4.188	3.786
Expectativa de vida (anos)	71	66	67	72	69
Taxa de mortalidade infantil (por mil nascidos vivos)	29	57	36	20	36
% domicílios com eletricidade	87	79	nd	81	82
Produção agrícola (US\$ bilhões)	15,33	46,06	1,66	1,47	64,52
Produção industrial (US\$ bilhões)	79	164,16	1,59	3,89	248,84
Exportações (US\$ milhões)	13.118	38.610	725	1.607	54.060
Importações (US\$ milhões)	16.783	25.688	1.689	2.333	46.493
Reservas internacionais (US\$ bilhões)	15,5	40,2	0,9	0,8	57,5
Dívida externa (US\$ bilhões)	66	135,6	1,7	6,9	210,3

Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. O Chile já requereu a sua adesão, e a Bolívia já se prepara para fazer o mesmo. Foi criado pelo Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991. Entrou em vigor no primeiro dia deste ano, embora a data tenha passado um pouco despercebida. Desde então os produtos (bens e serviços) dos quatro Estados-Partes circulam livremente entre si, sem a cobrança de impostos (com algumas exceções). Os produtos de fora do Mercado, por outro lado, pagam uma taxa de importação comum aos quatro países (TEC - Tarifa Externa Comum), que varia de zero a 20%.

Nestes tempos de globalização,

os países têm se aproximado uns dos outros buscando cooperação em diferentes áreas, principalmente na comercial, mas também nos setores de energia, relações trabalhistas, meio-ambiente, transportes, telecomunicações etc. Além do Mercosul existem outros blocos econômicos principais: o mais importante e mais bem acabado de todos é a União Européia (Inglaterra, França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Dinamarca, Irlanda, Itália, Grécia, Portugal e Espanha). O mais recente e um dos maiores em poderio é o Nafta (Estados Unidos, Canadá e México). Está em gestação a criação de um espaço

econômico unificado entre o Nafta, Austrália, China, Japão e os chamados tigres asiáticos (Associação de Cooperação Econômica entre a Ásia e o Pacífico - Apec). Este bloco possui um cronograma de formação previsto para ir até 2020, quando se tornaria o maior mercado econômico do mundo.

O projeto do Mercosul é, em muito, inspirado no modelo da União Européia. A UE foi fundada em 1950 (na época denominada Comunidade Européia) e chegou a um acordo de queda das barreiras aduaneiras em 1968. Desde então o Velho Mundo vem tramando passos mais ambiciosos no sentido da unificação política, com a criação do Parlamento Europeu e a discussão de outras propostas, como a unificação das forças armadas, a livre circulação de pessoas entre os membros, e a criação de uma moeda única. É um projeto que transcende os objetivos meramente comerciais e adquire um espírito integracionista. Esse é o paradigma do Mercosul, tal como um dia sonhou Bolívar, o Libertador, que no século passado lutou pela formação de uma grande nação latino-americana.

A idéia de criação do Mercosul foi muito combatida pelos Estados Unidos na época do governo de George Bush. Desconhecendo completamente a realidade dos países do Sul, os EUA inúmeras vezes os taxaram de protecionistas. Na verdade, temiam que o Mercosul progredisse e adquirisse força própria. Para eles seria mais conveniente que os países do Sul se associassem ao Nafta, um bloco, sem dúvida, mais forte, porém completamente dependente da hegemonia norte-americana.

“Desistam desse sonho terceiro-mundista”, apelou várias vezes o governo Bush. Mas o Mercosul resistiu, em que pesem o ceticismo dos EUA e os suspiros da Argentina, que na época foi muito assediada e não escondeu uma certa paixão pelo Nafta.

Há, ainda, um longo caminho a percorrer. É preciso estreitar as

distâncias entre os países-membros, não só físicas ou comerciais, mas principalmente culturais. Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai precisam se conhecer melhor, pois só assim se compreenderão melhor. Parafraçando Euclides da Cunha, o Brasil não pode ficar insulado no tempo e no espaço.

As regras do novo mercado

Onze Sub-Grupos de Trabalho negociam as "leis" da integração no Cone Sul

O Mercosul, anunciando o Ano Novo, entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1995, mas muitas de suas regras ainda necessitam de um maior aperfeiçoamento para que se consolide a união entre os quatro países. As principais dificuldades decorrem do fato de que cada um possui a sua legislação interna, e são necessárias demoradas negociações para se chegar a normas comuns.

Atualmente funcionam, no âmbito do Mercosul, onze Sub-Grupos de Trabalho (SGT's), que discutem as regras de vários setores (Assuntos Comerciais, Política Energética, Normas Técnicas, Política Fiscal e Monetária, Política Industrial e Tecnológica, Relações Trabalhistas etc). Outras discussões importantes também estão sendo levadas a cabo, como

as legislações sobre meio-ambiente e currículos escolares.

A grande conquista nessas negociações, até o momento, é a TEC (Tarifa Externa Comum). Ela será de, no máximo, 20%, dependendo do produto. Os membros terão até 2006 para harmonizarem, gradualmente, as taxas incidentes sobre a importação desses produtos.

Para o futuro novas mudanças, baseadas na experiência da União Européia, afetarão os cidadãos. Discute-se, por exemplo, a criação de um Banco Central e, talvez, uma moeda comum e um modelo único de identidade para as pessoas dos quatro países. Isso tudo, porém, são projetos para o longo prazo, quando existir um verdadeiro mercado unificado, com livre circulação de pessoas, bens e serviços.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

"À
mente
apavora
o que
ainda
não é
mesmo
velho"

WILLIAM G. CARDOSO
Osvaldo Cruz, SP

"À mente apavora o que ainda não é mesmo velho". Assim uma verdade é cantada na antológica Sampa, de Caetano. Mas qual será a razão para o temor diante do novo? Que motivos terão certos grupos ao estarem refugiados atrás de cortinas da velha ordem? Talvez, como é dito no Eclesiastes bíblico, tudo seja vaidade...

Como é sabido, o poder excessivo e o autoritarismo caminham de mãos dadas rumo à mediocridade, e travam uma batalha incessante e cruel contra a liberdade de expressão e ação. Estas batalhas ocorrem diariamente, em todos os níveis da sociedade e em qualquer lugar. A "velha" ditadura, com seus tanques e generais repletos de medalhas, se foi, mas representantes de sua ideologia ainda restam aos montes por este país à fora.

Geralmente, algumas pessoas acabam se acostumando com o poder do qual tomaram posse, utilizando-se dele em seu próprio benefício, não permitindo a atuação de nenhum outro grupo, evitando assim que através da cooperação o bem comum seja alcançado. Defendem-se, invariavelmente, com as armas da intransigência e da ignorância, não permitindo dessa forma o diálogo entre o novo e o velho, a maneira mais saudável de se atingir o progresso.

A luta pela liberdade de expressão e ação deve ser constante. Mesmo que a força opressora pareça maior, nada resiste para sempre. Os cristãos não são atirados aos leões, nem as bruxas jazem queimadas nas fogueiras da "Santa Inquisição". O povo não permite arbitrariedades vindas do poder executivo. Não existe mais um DOI-CODI atrás dos "comunistas" e "subversivos"...

Já se passaram trezentos anos após o nascimento de Voltaire mas, apesar de importantes conquistas, as luzes do Iluminismo ainda fazem falta em muitos lugares...

HISTÓRIA

CANUDOS
CALADA

LUCIANA M. CECCATO
São Paulo, SP

Ainda que o resto do país não soubesse, havia muita vida no interior da Bahia. Eu, traído por minha esposa e já cansado daquela vidinha falsa, resolvi buscar o mundo. O meu mundo. O meu sertão.

Realmente acreditava que, peregrinando por esta terra batida, bastarda, injuriada pelo clima e esgotada pelo homem, poderia encontrar outras pessoas que concordassem comigo. Foi exatamente isto que fiz: comecei a caminhar, procurando, ao mesmo tempo, ouvir as idéias dos outros e divulgar as minhas àqueles que se mostravam interessados em ouvi-las.

Foi uma surpresa total para mim. De repente, sem que eu me desse conta, uma multidão de homens, mulheres e crianças estavam me seguindo. É claro que o orgulho que me abalou foi muito grande, mas, junto dele, veio também a responsabilidade.

Nós não poderíamos continuar nessa transumância infinita. Precisávamos encontrar um ponto fixo para nosso estabelecimento.

Finalmente, após engolir muita poeira e pouca comida, encontramos o lugar perfeito; uma verdadeira "ilha" isolada por uma seqüência de montanhas, e lá nos instalamos; em Canudos.

Foi impressionante a rapidez com que conseguimos levantar as habitações e abrigar nossas famílias. No resto do país só se falava em monarquia, imperadores e imigrantes europeus; entretanto, dentro da nossa "Jerusalém de taipa", ninguém tomava contato com nada disso. Vivíamos apenas o que precisava ser vivido.

Entretanto, sem haver nenhuma razão concreta, a civilização não conseguia coexistir com a nossa concha geográfica e social. Para eles, os "civilizados", era preciso haver uma unanimidade nacional, fosse qual fosse o meio utilizado para obtê-la.

Dentre os muitos métodos que poderiam ser escolhidos, eles escolheram o pior: o ataque bélico. De um dia para o outro surgiu o exército no sertão, a terra perdida que, até então, era quase totalmente incógnita.

Os soldados cariocas, "civilizados", avançavam sobre a terra dura e sofrida em seus belos trajes de lã, que seguiam o modelo europeu. Os canudenses eram

profundos conhecedores de cada milímetro de chão socado, cada montanha calva e cada xerófito que nos cercava.

Quando se deu o primeiro ataque, assim como os que o sucederam, não se podia enxergar sequer um homem. Todos nós éramos camaleões camuflados entre a terra e o sol. Eles, os republicanos, eram verdadeiras réplicas dos soldados europeus. Suavam como se fossem virar poças d'água ou, talvez, de sangue. Além disso, seus uniformes com tons de vermelho e azul funcionavam como alvos para nós.

Com o passar do tempo e com as sucessivas derrotas do exército "europeizado", as expedições foram ficando cada vez mais cruéis e desfavoráveis à nossa atuação. "O sertanejo é antes de tudo um forte"; entretanto, os canhões e as armas de fogo do inimigo eram muito mais fortes do que todos nós juntos.

Nós, sertanejos, lutamos até a última gota de sangue, mas não deu para suportar esta situação por mais tempo. Hoje nossas almas repousam, honradas e tranqüilas, sob as águas do Vaza-Barris.

Os corpos foram queimados e as almas afogadas, mas não nos rendemos.

LITERATURA

Mario Vargas LLOSA

"¿ Por qué escribe Ud.?"

O Berrante conferiu a passagem do escritor peruano por São Paulo

"¿ Por que escrebe usted?" Com essa pergunta, direcionada a si mesmo, o escritor peruano Mario Vargas Llosa começou sua palestra em São Paulo, realizada no auditório do Masp (Museu de Arte de São Paulo), na noite de 6 de dezembro. Llosa é o mais famoso aficionado d'*Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e do episódio de Canudos, que considera uma das páginas mais fascinantes da história latino-americana. Baseado na saga de Antonio Conselheiro ele escreveu o romance *A guerra do fim do mundo*.

Vargas Llosa veio ao Brasil para lançar o seu livro de memórias *Peixe na água*, onde relata a sua experiência política de ex-socialista que se converteu ao liberalismo.

Aliou-se às oligarquias de seu país para concorrer à presidência da República do Peru, em 1990, mas perdeu no segundo turno para o então

quase desconhecido Alberto Fujimori, que reunia o apoio das esquerdas e dos evangélicos. Tempos depois Fujimori deu um golpe de Estado, a pretexto de necessitar de poderes plenos para combater os guerrilheiros do Sendero Luminoso e o

narcotráfico. Desde então governa o país com mão forte. Atualmente sua figura tem voltado às manchetes dos jornais em todo o mundo. Às vésperas das eleições presidenciais de abril, quando tentará se reeleger, Fujimori se envolve num conflito armado com o vizinho Equador.

Após a derrota no pleito de 1990, Mario Vargas Llosa se radicou em Londres. Lá ele fez uma reavaliação pessoal de sua trajetória política e uma auto-crítica da campanha eleitoral fracassada. Assim nasceu *Peixe*

na água. Durante sua estadia no Brasil, de 1 a 8 de dezembro, e que, além de São Paulo, incluiu outras capitais, Vargas foi bastante questionado sobre as experiências narradas nesta sua última obra, sobre suas análises da América Latina, sobre suas expectativas para o Brasil nas mãos de Fernando Henrique Cardoso, e sobre outras declarações mais polêmicas, como a defesa que faz da descriminalização das drogas consideradas leves (onde coloca também a cocaína), como única maneira de deter a violência inerente ao tráfico.

No Masp, Llosa foi logo esclarecendo: "Peço que me desculpem, mas hoje eu não quero falar de política. Quero falar de literatura e vocês foram escolhidos para cobaias." A notícia provocou

uma certa decepção na platéia, mas logo o bom humor do escritor contagiou a todos, quando ele começou a narrar histórias da sua vida para tentar explicar, afinal, porque que é que ele escrevia.

Como tudo teria começado? Da maneira mais óbvia, mas não para o escritor. "Aprender a ler foi a coisa mais importante que me aconteceu na vida", declara. Ler é fundamental para quem escreve mas, ainda garoto, Llosa lia com um entusiasmo comum a poucos. Para passar a escrever era um passo. Ele ficava muito triste quando chegava ao final de algumas histórias. Achava que deveria haver uma continuação. Muito bem, ele passou a criar uma prorrogação para os livros que terminavam de uma forma com a qual não concordava. Nascia um

romancista.

Seu pai não queria vê-lo escritor. O que poderia ser apenas uma brincadeira para o garoto Vargas Llosa, se transformava em algo mais sério. Para o pai, escritor não era propriamente uma profissão decente para um homem. Decidido a cortar por ali o entusiasmo do filho e "endireitá-lo", matriculou-o num Colégio Militar. Mas, ao contrário, essa passagem pelo Colégio acabou empurrando-o definitivamente para a literatura. "Foi ali que eu me abri ao conhecimento das realidades

distintas do Peru", relembra. À carreira militar recorriam pessoas de todas as classes sociais, e então ele pôde descobrir os contrastes do país e as sagas do povo peruano tão presentes em seus livros.

Assim ele retira os temas para seus romances: todos baseados em sua experiência profissional. Uma simples cena do cotidiano, que ele presencie na rua, basta para inspirar uma história. Um personagem marcante no dia-a-dia da vida real também pode ser um motivo para tanto. A única vez que a leitura de um livro o motivou a escrever outro foi quando ele leu *Os Sertões*. Inspirado nessa obra criou *A guerra do fim do mundo*.

"Já li muitos livros espetaculares, mas nenhum outro me impressionou tanto", disse a respeito do livro de Euclides. Quando fala dessa obra e relembra a campanha de Canudos, seu rosto ganha uma luminosidade especial. Ele confessa que a

leitura de *Os Sertões* se deu num momento muito especial de sua vida, quando ele saía da utopia socialista, e aquela tragédia ocorrida no sertão baiano abriu os seus olhos para os perigos do fanatismo e da intolerância. Assim ele obteve uma melhor

**Vargas
Llosa começou
escrevendo
continuações para
os livros que lia**

**Sobre Os Sertões,
disse: "Nenhum
outro livro me
impressionou
tanto."**

compreensão da América Latina.

Por volta de 1972 o cineasta Ruy Guerra havia sido contratado pela Paramount para rodar um filme sobre Canudos. Llosa foi convidado para roteirista. A partir daí ele começou a estudar o assunto. Leu *Os Sertões* pela primeira vez e se apaixonou pela história. O filme acabou não sendo produzido, mas ele decidiu levar a pesquisa adiante para fazer o romance. Llosa esteve no Brasil e foi até Canudos, atravessou todo o sertão baiano, visitou todo o Nordeste, com as ajudas do escritor Jorge Amado e do pesquisador Renato Ferraz. Jorge Amado conta que Vargas Llosa fez um "sucesso

*Para o
ex-comunista
Mario Vargas Llosa,
as utopias levam à
catástrofe*

terrível" entre as mulheres do sertão da Bahia, onde ele ficou conhecido como "Argentino".

Ex-comunista, hoje Llosa não mais acredita em utopias. "Utopia leva à catástrofe", diz. Para ele a humanidade está encaixada dentro de limites. Prega aquilo que acha

que é possível de se fazer, o que, muitas vezes, se distancia do ideal. Acredita que o povo latino-americano é muito sonhador, e vê a necessidade de mais pragmatismo. Considera a literatura o lugar para os sonhos e utopias. Não como uma simples válvula de escape. Trata-se de um aprendizado da distinção entre realidade e ficção. "A literatura torna a humanidade mais infeliz por lhe dar consciência das limitações da realidade", finaliza. É por isso que Mario Vargas Llosa escreve.

Peixe na água, de Mario Vargas Llosa. Companhia das Letras, 1993. R\$ 21,50.

SÓ RINDO

Quanta bobagem!!!

Febeapá - Festival de Besteiras que Assola o País -, de Sérgio Porto, mostra o lado ridículo dos "donos do poder"

O exercício do poder sempre proporcionou exemplos riquíssimos de besteiro, de fazer inveja aos melhores humoristas. São episódios que nos provocam grandes gargalhadas, quando não nos fazem chorar de raiva. Afinal de contas, as bobagens cometidas pelos "donos do poder" nos afetam diretamente. Com tantas vergonhas mundiais para resolver - guerras, fome, miséria etc -, os "poderosos" ousam perder tempo, inclusive, com *Cânticos Euclidianos*. Mas esse está longe de ser o único exemplo. É algo que acontece, provavelmente, desde que o mundo é mundo. Recentemente, um juiz de Jundiá censurou um presépio. Motivo: o menino Jesus estava nu! Mais recentemente ainda, uma senhora australiana (chocadíssima) entrou na Justiça para exigir que uma gravura, reproduzindo o *Davi*, de Michelângelo, ganhasse um belo *shorts* que lhe cobrisse a genitália desnuda. Ah, sim, ela ganhou a causa!

Essas bobagens, então, não são uma exclusividade

brasileira. Mas uma coisa é certa: contribuímos com muito material de primeiríssima qualidade. Nos anos 60, o humorista Stanislaw Ponte Preta (pseudônimo de Sérgio Porto) reuniu em três volumes as maiores besteiras produzidas na época da ditadura militar, sob o título de *Febeapá - Festival de Besteiras que Assola o País*. Stan sabia, como poucos, usar de muita perspicácia para fazer um humor refinado, em cima das mazelas da alma humana e da comicidade (muitas vezes trágica) da vida cotidiana.

Reproduzimos aqui, para o deleite de nossos leitores (e para que eles não se esqueçam que a intolerância é danosa), um dos melhores trechos de Febeapá 3: "...o mais bacaninha aconteceu com a peça de César Vieira, - *Um útsque para o Rei Saul* - que a extraordinária atriz Glauce Rocha encenou aqui na capital federal. Na frase dita pelo Rei - "Dei meus testículos para o bem do povo" - o censor sublinhou a palavra testículos e anotou: corte-se isto!" Waal!

ATUALIDADE

Um velho problema

LUCIANA M. CECCATO
São Paulo

"Canudos não se rendeu". Há quase cem anos, após quatro expedições militares, o Arraial estava completamente dizimado. A "Jerusalém de taipa" estava reduzida à pedra e pó. Estava terminada a ilha social que procurava contornar a miséria, o desemprego, a fome e todo o descaso governamental com relação à grande massa da população. Estava reestabelecida a ordem tão almejada por Prudente de Moraes (e por todos os outros governantes da história brasileira).

Se Belo Monte não se rendeu, tampouco se renderam os moldes políticos que tanto êxito obtêm ao implantar a dominância das classes altas e a desgraça dos menos favorecidos. Assim sendo, dos mesmos moldes só poderiam resultar as mesmas "obras-primas". Entre as "pérolas" fabricadas a partir dessa fórmula podemos encontrar: Campanha de Canudos, Contestado, Revolta da Vacina, Candelária, Carandiru, ou até mesmo a atual subida aos morros do Rio.

O Arraial tinha uma personalidade toda própria, totalmente ímpar e, por isso, era visto como uma ameaça, um conglomerado de onde irradiava liberdade e igualdade. Canudos representava a concretização de tudo aquilo que o governo prometia teoricamente e que não existia na prática. O morro do Borel, no Rio, talvez seja um outro núcleo de organização ímpar e que representa um desafio à mesmice nacional. É certo que, no caso do Borel, não se trata de um núcleo irradiador da democracia mas, de qualquer forma, não é o espelho da sociedade ideal.

Como disse Caetano: "Narciso acha feio o que não é espelho". Em nossa história houve muitas superfícies ásperas que não foram devidamente compreendidas e que foram totalmente destruídas pelo simples fato de não refletirem perfeitamente a realidade dogmática da sociedade burguesa. Os cortiços que

existiam no Rio de Janeiro no começo do século, em 1904, desagradavam e muito o governo e a elite; logo, nada mais narcisista do que exterminar esses cortiços, utilizando como justificativa uma suposta vacinação obrigatória, associada a uma urbanização da cidade. Para que esse objetivo fosse alcançado, foi necessário demolir uma série de pardieiros e prédios velhos; além disso, a campanha de vacinação era efetuada com violência e sem esclarecimento ao povo, que simplesmente via suas casas serem invadidas por pessoas totalmente desconhecidas.

Enquanto continuarmos vivendo sob o lema da "ORDEM E PROGRESSO", do narcisismo arraigado e do individualismo próprios do capitalismo selvagem em que estamos mergulhados, surgirão muitas outras Campanhas; entretanto, será cada vez mais difícil encontrar outro Euclides da Cunha e outro Antônio Conselheiro.

SOCIEDADE

Rio:

"Riquezas
são
diferentes"

Cidade Partida, do jornalista Zuenir Ventura, mostra a realidade das novas "Canudos" nos morros do Rio de Janeiro

Quando os soldados do exército brasileiro, "vitoriosos" em Canudos, voltaram para a capital federal, esperavam que o governo de Prudente de Morais lhes cumprisse a promessa: como prêmio, casa própria para todos. O déficit habitacional nas camadas menos favorecidas da população já era um grande problema naquela época. O hábito dos governantes de não cumprirem com suas promessas também. Os descendentes daqueles soldados estão à espera das casas até hoje.

Como paliativo, os sem-teto no Rio de Janeiro passaram, a partir de 1897, a ocupar a encosta do Morro da Providência, no centro da cidade. O novo bairro foi chamado de *favela* pela primeira vez, numa alusão à planta de mesmo nome do sertão canudense, que crescia e se espalhava pelas encostas dos morros de lá. Para entrar em Canudos, o exército antes teve que tomar o Morro da Favela (onde aliás, foi morto o coronel Moreira César).

As favelas no Rio cresceram e se expandiram para outros morros. Hoje são mais de quinhentas. Assim como Canudos, transformaram-se em comunidades marginais, vítimas do *apartheid* social. É como se existisse, a exemplo dos dois "brasis" da denúncia de Euclides da Cunha, duas "Rio de Janeiro", separadas pela questão econômica, pelo preconceito e pela ignorância mútua. É a *Cidade Partida*, na visão do jornalista Zuenir Ventura, também autor de 1968 - *O Ano Que Não Acabou*.

Agora, depois de cem anos, o

mesmo exército, responsável pelo surgimento das favelas, é convocado para combatê-las, em defesa da outra metade da cidade. Daí a pertinência de se discutir o tema. Afinal de contas, a intervenção militar é necessária e correta? Para quem?

O que motivou Zuenir Ventura a fazer o livro-reportagem foi a chacina de Vigário Geral, ocorrida em agosto de 1993. Durante dez meses o autor esteve "mergulhado" na favela, vivenciando o seu dia-a-dia, os seus contrastes, a luta de seus moradores na construção da paz e da justiça social, mas também as cenas explícitas ligadas ao tráfico de drogas, onde estão envolvidos não só os líderes dos morros, mas também inúmeros integrantes da polícia carioca e "gente grande da Zona Sul" (os verdadeiros donos do tráfico). Com esse livro, o grande público, acostumado a enxergar as favelas pelo lado de fora nas imagens da TV, pode ter uma ampla visão, de bastidor, daquilo que elas realmente são.

Cidade Partida nos alerta para os perigos da intolerância. Há uma verdadeira guerra entre os dois lados da cidade, dos socialmente incluídos e dos excluídos. A população da Zona Sul tem se acostumado a ver as favelas como fonte de todos os problemas. Não por acaso, a classe média carioca é a que mais pede pela intervenção militar nos morros. Do outro lado a população pobre reage. Completamente abandonados pelos poderes governamentais, muitas vezes violentados por esses poderes, aos pobres só resta a alternativa de se valer do poder do



Cidade Partida, de Zuenir Ventura. Companhia das Letras. R\$ 14,50

tráfico. Nessas comunidades são os criminosos que garantem a segurança local, que financiam escolas, clubes, creches, calçamento, asfalto... São comunidades com cultura própria (algumas com leis próprias). Como se fossem mini-Estados dentro de outro. Num momento em que as diferenças entre as partes começam a incomodar mais, surge a missão "salvadora" do exército para "uní-las" à força.

Como alternativa para a pacificação da cidade, o livro de Zuenir mostra o trabalho desenvolvido pela sociedade civil de "apresentar" um ao outro os dois lados em confronto. Após a chacina de Vigário Geral foram organizadas manifestações públicas. A principal ocorreu no dia 17 de dezembro de 1993, quando a cidade inteira parou para fazer dois minutos de silêncio pela paz. Na casa onde morava uma

família que foi exterminada durante a chacina, foi instalada a Casa da Paz. A Casa pretende ser um espaço à disposição da comunidade, com serviços médico-odontológicos, oficina profissionalizante, e também atividades culturais, principalmente para crianças e adolescentes.

O ponto alto do livro são as 36 páginas que contêm uma entrevista reveladora com Flávio Negão, na época líder do tráfico do morro. Ali muita coisa do que se costuma chamar de *crime organizado* é desmistificado. Mostra-se, também, que o nível de envolvimento da polícia é muito maior do que se imagina. Entre outras coisas surpreendentes, Flávio esclarece as condições sob as quais ocorreu a chacina. De acordo com o noticiado pela imprensa na época, foi uma vingança pela morte de quatro policiais, que teriam sido assassinados pela quadrilha do traficante. Na versão do próprio, os policiais teriam sido mortos por um outro grupo também de policiais. Motivo: esses grupos disputavam o recebimento de um carregamento de drogas que, eles sabiam, iria chegar à favela. Para colocar a culpa do ocorrido na quadrilha de Negão (e também ter um pretexto para invadir Vigário Geral e, quem sabe, matar Flávio, que costumava não "colaborar" com eles), os policiais arquitetaram e consumaram a chacina.

No último 1º de fevereiro, a polícia conseguiu o objetivo. Durante uma caçada na favela, Flávio Negão, aos vinte e cinco anos, foi morto no tiroteio.

O BERRANTE/MARATONA

Sanzé ganha mais uma

Pela terceira vez consecutiva, um nativo leva o primeiro lugar

Os maratonistas de São José do Rio Pardo continuam fazendo e acontecendo. Em 1994 a tendência se confirmou: os dois primeiros e o quarto colocados são riopardenses. Confira, na seqüência, a lista dos dez primeiros e suas respectivas notas. Na próxima edição d'*O Berrante*, publicaremos a redação vencedora.

- 1° - Marco Aurélio Gumieri Valério (S. J. R. Pardo) - 8,22
- 2° - Fausto Salvadori Filho (S. J. Rio Pardo) - 8,02
- 3° - Ari Marinho Bueno (Ourinhos) - 7,86
- 4° - Daniela Fernanda da Silva (S. J. Rio Pardo) - 7,36
- 5° - Maria do Carmo Barbieri (S. Seb. da Grama) - 7,20
- 6° - Cassiana Kely Sales (Osvaldo Cruz) - 7,18
- 7° - Paulo Alexandre Bertelli da Silva (Caconde) - 6,86
- 8° - Cassius Antonio Lopes (São João Del Rei) - 6,74
- 9° - Luciana Martinez Ceccato (São Paulo) - 6,72
- 10° - Denise Sánchez Moreno (São Paulo) - 6,72

A Associação de Estudos Euclidianos parabeniza a todos os classificados da Semana Euclidiana de 1994.

SENFIL

